

No Barcão, em uma mesinha de ferro com cadeiras também metálicas, Francis e Hamilton discutem, como sempre, os problemas da rejeição que sofrem por parte dos nativos da cidade. Trocam alguns comentários sobre a morte ou assassinato do ex-prefeito Alceu Torquato e pedem outra cerveja. Bem no alto, quase colada no teto, a televisão convida o telespectador a ficar ali – “não saia daí, voltamos em dois minutos” – para assistir a uma emocionante entrevista feita com Anail, a bela mulher seqüestrada. Imagens de choro e do assédio cruel na televisão mostram o quanto ela foi atormentada, durante e depois do seqüestro. “Vejam o que este vagabundo fez com uma moradora de Pilares. Vagabundo! Safado!” A foto de Chumbinho foi estampada em close. “Gente assim tem que apodrecer na prisão! É pena que o Brasil não tenha pena de morte!” – esbraveja o narrador da TV. Ele está dando apenas mostra do que apresentará dentro de minutos no seu programa.

Francis olhou para Hamilton, o sapateiro, sacudindo a cabeça em sinal de desaprovação. Anail é conhecida de ambos, é cliente de Hamilton, é uma mulher bonita, mas nada justifica jogar a ira da cidade contra um delinqüente. É um ato temerário, capaz de provocar reações inesperadas.

- Isto é um perigo. O Celentano não sabe o poder que tem com um microfone e uma câmera de TV nas mãos. – Francis refere-se a José Paulo Celentano, o apresentador do programa que inicia logo após o desenho animado.

- Coitado do Celentano. Até parece que você não conhece este pé-de-chinelo. Que poder tem ele? – Hamilton não entende o amigo.

- Eu vou te explicar. – O engenheiro movimentou-se na cadeira e procurou uma posição cômoda. - O que estão fazendo na televisão com este seqüestro é perigoso, pode revoltar o povo. Diga-me com sinceridade, você já não está com raiva do seqüestrador só de ouvir e ver este pouquinho que mostraram?

- É claro, né. Se este vagabundo passar aqui na minha frente eu dou uns tapas, eu arrevento a cara dele! - Hamilton cerrou os punhos e balançou os braços quase atingindo o garçom que passava próximo.

- Calma, calma, rapaz! Apesar de toda essa força, você não vai a lu-

gar algum. Lembre-se que a justiça só pode ser feita pelas autoridades – alertou Francis.

- Que autoridades? Esses ladrões que estão aí, que querem te mandar embora, que querem acabar com meu trabalho? Que justiça?

O sapateiro está transtornado. A pressão sofrida pelos maus negócios e o pesado aluguel o deixam com os nervos esfarrapados.

- Hamilton, você já ouviu falar do quarto poder?

O silêncio do sapateiro foi conclusivo. Francis fez então um discurso sobre o assunto.

- Existem três poderes constituídos: o Executivo, o Legislativo e o Judiciário.

- Oh! Doutor, mesmo sendo você um engenheiro, não vai pensar que eu sou burro. – Hamilton ficou zangado. – Isso de três poderes é claro que eu sei. Só que você falou no quarto poder.

- Pois é – interrompeu Francis. - Até poucos anos atrás, se dizia que a imprensa, hoje chamada de mídia, é o quarto poder, porque ela tem muita força, inclusive sobre os três poderes constituídos. Você entende? Quando os jornais, as rádios e a televisão se unem sobre um determinado assunto, eles são imbatíveis.

- Bem – Hamilton coçou a nuca – eu já ouvi falar que quem derrubou aquele presidente foi a imprensa.

- Pois é isso mesmo. Embora todos pensem que foram os “caras pintadas”, aqueles estudantes que invadiram a Avenida Paulista em São Paulo, exigindo a renúncia do presidente, quem manobrou tudo foi a mídia. E olha só, naquele tempo nem havia a Internet. Agora – prosseguiu Francis – o que se chamava de quarto poder passou a ser o segundo. Explico-te. Hoje, neste mundo capitalista chamado de liberal, quem manda é o dinheiro. Quem tem capital é senhor.

- E, por acaso, isso é novidade, Francis? Eu vejo todos os dias, quem tem grana é que manda.

- Então! Quem manda no país são os donos do dinheiro, os banqueiros, os grandes empresários, as pessoas que têm capital. Eles estão em primeiro lugar, em segundo vem a mídia, depois os poderes constituídos. Tudo se acomoda muito bem, de acordo com os interesses de cada um. A imprensa tem um poder natural de persuasão, de convencimento. Quando lemos um livro, um jornal ou até mesmo um panfleto, temos a tendência natural de aceitar o que lemos. Agora, imagine se você passa dias e dias ouvindo, lendo ou vendo sempre a mesma coisa. Por exemplo, que o governo não presta, que o presidente é corrupto, que ele precisa ser substituído. Mesmo que a metade do que disserem seja mentira, você e

todo o povo vão acreditar e se convencer que é a mais genuína das verdades, embora não seja.

- Não foi isso mesmo que fizeram com o presidente que caiu do cavalo? – perguntou vacilante o sapateiro.

- Foi - respondeu Francis.

O engenheiro trocou de posição na cadeira dura e se serviu de mais um gole de cerveja. Ele nunca enche o copo, diz que é para não esquentar e ao mesmo tempo oxigenar a bebida com espuma, por isso se serve de gole em gole. Tomou nova dose e prosseguiu.

- Teóricos do socialismo afirmam com convicção e eu concordo com eles, que o poder em uma nação, uma província ou em um povoado é exercido na seguinte ordem: o capital em primeiro lugar, é o líder, o todo poderoso, depois vem a mídia e por último os três poderes, não importa a seqüência, se em terceiro, quarto ou quinto lugar na ordem de mando. Claro, estou falando de um mundo capitalista como o nosso, no socialismo a história é outra.

Francis disse ainda que, quando se lê em jornais e revistas ou se ouve no rádio ou na TV uma notícia, é preciso entender o que está por trás do que foi dito.

- Nos bancos da escola, um professor me ensinou a ler o que está nas entrelinhas.

- Como assim? – indagou Hamilton.

- Vou te explicar com um fato real. Você lembra o que *A Tribuna de Pilares* noticiou sobre a qualidade da água para a produção de cerveja? Que a água mineral é o melhor insumo para fabricar essa bebida e citou como exemplo a Antártica de Joinville, considerada uma das melhores cervejas do Brasil, porque a água de lá, de poço, é a melhor para isso? A notícia dizia mais. A água mineral, seja ela de poço ou de mina, é sempre melhor para a produção de cerveja, é determinante na qualidade do produto final.

- É, eu vi isso, mas o que eu tenho a ver com a fabricação de cerveja! Pouco me importa se a de Joinville é melhor ou pior, ela não vem para cá mesmo!

- Este é um problema insolúvel para eles, o do volume produzido. A quantidade de água com características satisfatórias é muito pequena. A produção é diminuta e o produto de excelente sabor é distribuído em locais especiais a preços mais altos. Por isso, você jamais vai encontrar a Antártica de Joinville em Pilares.

- Bem! E onde estão as “entrelinhas”?

- Sim, claro! Você leu a notícia e ficou sabendo que a água é funda-

mental para a cerveja. Certo?

- É, eu li – respondeu o sapateiro.

- Você não associou nada com a nossa biquinha?

Pilares tem uma fonte natural de água chamada biquinha, ainda inexplorada. É uma fonte canalizada que despeja dia e noite em dois canos de polegada e meia cada um, água da melhor qualidade, vinda do interior da terra. Mesmo sem tratamento, apresenta características físico-químicas adequadas para o consumo humano. É comum os habitantes se abastecerem com garrações e pequenos tonéis na biquinha, abandonando a água da torneira porque ela não lhes agrada. Por desconhecimento, não percebem que a pequena diferença existente no sabor entre uma e outra, vem do cloro residual adicionado no tratamento da água fornecida pela prefeitura.

- Você não achou curioso que na TVer e na Rádio da Revolução também foi dada essa notícia? Na televisão houve até uma entrevista com um químico, falando sobre água subterrânea.

- Eu notei que andam falando muito sobre água e cerveja. Você acha que a da biquinha serve para isso?

- Bem, até agora ninguém disse, mas é possível que sim porque a gente toma e percebe que aquela água é muito boa. Como não há motivo aparente para que esse assunto seja abordado com tanta insistência, fico me perguntando por que a divulgação freqüente. A gente sabe que a nossa imprensa normalmente não falaria nele de forma tão continuada. Será que estão querendo instalar uma fábrica de bebidas aqui em Pilares? Seria mais uma fábrica de refrigerantes - a cidade possui uma pequena fábrica de tubaína para consumo local - ou uma de cerveja? Ou a água seria apenas engarrafada e vendida in natura?

- Olha Francis, se for isso mesmo, é muito bom. Vai dar mais empregos para nós.

- Claro que é bom, mas a imprensa não fala abertamente. Nós é que estamos concluindo. Ela apenas informa sobre a água e a produção de cerveja. Pois o que está nas entrelinhas é justamente o que estamos concluindo. A notícia pura e simples não tem razão de ser com tanto destaque. É muito provável que por trás existam interesses econômicos que não podem ser divulgados ainda.

- Será mesmo!

- Hamilton, podemos errar sempre que “lemos” nas entrelinhas, mas é importante entender toda a dimensão da notícia. Você mesmo me alertou que em Pilares, gente de fora não é bem aceita. Essas notícias sucessivas podem ser uma conscientização para cima de nós, preparando a po-

pulação para aceitar que outros empresários se instalem aqui, o que é muito bom, você tem razão. Imagina se divulgam que “investidores da capital vem abrir fábrica de cerveja em Pilares”. Eles seriam barrados de imediato.

- Não tenho dúvidas, seriam corridos daqui antes de se instalarem.

Francis relacionou ainda o fato com dinheiro, induzindo Hamilton a crer que aquelas notícias eram pagas pelos interessados. Queria justificar assim o poder do capital, que interfere na imprensa “livre”, usando-a para manipular opiniões de acordo com suas conveniências.

As chamadas para o programa policial continuavam entrando no ar a todo o momento, aumentando a curiosidade. Hamilton interrompeu Francis e se levantou.

- Eu vou até a delegacia ver esse bandido. Vou arrebentar a cara dele.

- Pára com isso Hamilton. Larga mão de ser bobo. Você não vai chegar nem perto da delegacia e pensa que pode bater no bandido! Senta aí e fica quieto.

A contragosto, Hamilton sentou.

- Está vendo agora como a imprensa é forte e pode ser perigosa? Celentano é capaz de jogar o povo contra o marginal e o delegado. Se mais meia dúzia de cabeças-tontas pensarem como você, a delegacia corre risco de invasão.

- Pois eu já estou com vontade de fazer isso mesmo – reagiu o sapa-teiro.